

“Um livro de não ficção que parece um suspense...
instigante... empoderador.” – *The Boston Globe*

A
VIRTUDE
do MEDO

UM DOS MAIORES ESPECIALISTAS EM MENTES
CRIMINOSAS APRESENTA HISTÓRIAS REAIS PARA VOCÊ
PREVER SITUAÇÕES DE RISCO E SE PROTEGER

GAVIN DE BECKER

*Às duas pessoas que mais me ensinaram
sobre coragem e bondade: minhas irmãs, Chrysti e Melissa.
E a minha mãe, meu avô e meu pai.*

Diante do perigo

“Acima de tudo, recusar-se a ser vítima.”

– MARGARET ATWOOD

É provável que ele já a observasse havia algum tempo. Não temos certeza, mas sabemos que ela não foi sua primeira vítima. Naquele fim de tarde, querendo comprar tudo o que precisava de uma vez só, Kelly havia superestimado o que era capaz de carregar sem dificuldade para casa. Justificando sua decisão enquanto se atrapalhava com as sacolas pesadas, lembrou a si mesma que fazer duas viagens a obrigaria a sair à rua depois do anoitecer, e ela era cuidadosa demais com sua segurança para fazer isso. Ao subir os degraus da entrada do seu prédio, viu que alguém tinha deixado a porta destrancada (de novo). Seus vizinhos não tinham jeito, pensou ela, e, embora se irritasse com o descaso deles em relação à segurança, dessa vez ficou feliz de ser poupada do trabalho de pegar a chave na bolsa.

Ela entrou e bateu a porta, empurrando-a até ouvir o acionamento do trinco. Kelly tem certeza de que a trancou, o que significa que ele já devia estar dentro do prédio.

Em seguida vinham os quatro lances de escada, que ela queria subir de uma vez só. Já estava no terceiro andar quando uma das sacolas rasgou e latas de ração para gato se espalharam pelo chão, rolando escada abaixo quase como se tentassem escapar dela. A lata que tomou a dianteira chegou ao patamar do segundo andar, e Kelly ficou observando enquanto ela fazia a curva, ganhava velocidade e continuava sua descida aparentemente proposital, aos pulos, até desaparecer de vista.

– Peguei! Eu levo pra você – gritou alguém.

Kelly não gostou daquela voz. Desde o começo algo lhe pareceu errado, mas um rapaz simpático apareceu, subindo rapidamente os degraus enquanto recolhia as latas caídas pelo caminho.

– Eu te ajudo – disse ele.

– Não, não precisa, obrigada. Está tudo bem.

– Parece que não está, não. Para qual andar você vai?

Ela hesitou antes de responder.

– Para o quarto, mas não preciso de ajuda, é sério.

Sem dar ouvidos a Kelly, a essa altura as latas recolhidas estavam equilibradas entre o peito e um dos braços dele.

– Eu também estou indo para o quarto andar – disse ele –, e estou atrasado. A culpa não é minha, meu relógio quebrou... Então não vamos ficar aqui parados. E me dá isso aí.

Ele puxou uma das sacolas mais pesadas que ela estava carregando. Kelly insistiu:

– Não, é sério, obrigada, mas não precisa. Eu posso me virar sozinha.

Ainda tentando pegar a sacola de compras, ele disse:

– Você é muito orgulhosa, sabia?

Por um instante Kelly continuou segurando a sacola, mas em seguida a soltou, e essa troca aparentemente insignificante entre o estranho cordial e a destinatária de sua cordialidade foi o sinal (para ele e para ela) de que ela estava disposta a confiar nele. Ao ceder o controle da sacola, Kelly cedeu também o controle de si mesma.

– Melhor a gente ir logo – disse ele ao subir a escada na frente. – Tem um gato com fome lá em cima.

Apesar de ele dar a impressão de que só queria ajudar, ela estava apreensiva, e sem motivo algum, pensou ela. O homem era simpático e cavalheiro, e Kelly se sentiu culpada pela desconfiança. Não queria ser o tipo de pessoa que desconfia de todo mundo. Eles logo se aproximaram da porta do apartamento dela.

– Você sabia que um gato pode viver três semanas sem comida? – perguntou ele. – Vou te dizer como foi que descobri: uma vez esqueci que tinha prometido dar comida ao gato de um amigo que foi viajar.

Kelly estava parada na porta do apartamento, que ela tinha acabado de abrir.

– Daqui pra frente deixa comigo – disse ela, na esperança de que ele lhe entregasse as compras, aceitasse seu agradecimento e fosse embora.

Mas ele disse:

– Ah, não, eu não vim até aqui para deixar você derrubar tudo de novo.

Como Kelly continuou hesitando, ele deu uma risada.

– Ei, a gente pode deixar a porta aberta que nem as mulheres nos filmes antigos. Só vou deixar as sacolas e vou embora. Prometo.

Ela o deixou entrar, mas ele não cumpriu a promessa.

A ESSA ALTURA, depois de me relatar o estupro e as três horas de suplício que sofreu, Kelly faz uma pausa e chora em silêncio. Hoje ela sabe que ele matou uma de suas vítimas, a facadas.

O tempo todo, desde que nos sentamos lado a lado no jardimzinho contíguo ao meu escritório, Kelly segura minhas mãos. Ela tem 27 anos. Antes do estupro, era terapeuta infantil, mas desde então não voltou ao trabalho. O rapaz simpático lhe infligiu três horas de sofrimento em seu apartamento e pelo menos três meses de sofrimento em sua memória. A autoconfiança que ele afugentou ainda está oculta, a dignidade que dilacerou ainda está em processo de cura.

Kelly está prestes a descobrir que dar atenção a um único sinal de alerta salvou sua vida, assim como ignorar muitos outros foi o que a colocou em risco. Ela me encara com os olhos marejados mas cristalinos e diz que quer entender todas as estratégias que ele usou. Quer que eu lhe diga o que sua intuição percebeu que a salvou. Mas é ela quem vai me contar.

– Foi depois que ele já tinha apontado a arma para a minha cabeça, depois de me estuproar. Foi depois disso. Ele se levantou da cama, se vestiu e fechou a janela. Olhou o relógio e começou a agir como se estivesse com pressa. Ele disse: “Eu preciso ir a um lugar. Ei, não fica com essa cara assustada. Prometo que não vou te machucar.”

Kelly tinha certeza absoluta de que ele estava mentindo. Sabia que o plano dele era matá-la e, embora seja difícil imaginar, essa foi a primeira vez desde que o incidente começara que ela sentiu um medo profundo.

– Ele agitou a arma e disse: “Fica quietinha, não faz nada. Eu vou até

a cozinha pegar um copo d'água e depois vou embora. Prometo. Mas fica quietinha aí.”

Ele não tinha qualquer razão para achar que Kelly desobedeceria às suas ordens, porque, desde o instante em que tinha soltado a sacola até aquele momento, ela estava sob seu completo domínio.

– Eu garanti a ele: “Você sabe que eu não vou sair daqui.”

Mas, no instante em que ele saiu do quarto, Kelly se levantou e foi andando atrás dele, enrolada no lençol.

– Fiquei literalmente a dois passos dele, feito um fantasma, e ele não percebeu que eu estava ali. Atravessamos o corredor juntos. A certa altura, ele parou, e eu parei também. Ele ficou olhando para o meu aparelho de som, que estava ligado, e então aumentou o volume da música. Quando entrou na cozinha, eu me virei e cruzei a sala.

Kelly chegou a ouvir as gavetas sendo abertas ao sair pela porta do corredor, deixando-a entreaberta. Entrou direto no apartamento da frente (que por algum motivo ela sabia que estava destrancado). Levou o dedo à boca para sinalizar aos vizinhos, surpresos, que ficassem quietos e trancou a porta.

– Eu sabia que, se ficasse no quarto, ele voltaria da cozinha e me mataria, mas não sei como tive tanta certeza.

– Sabe, sim – digo a ela.

Kelly suspira e recapitula tudo.

– Ele se levantou e vestiu a roupa, fechou a janela, olhou o relógio. Prometeu que não me machucaria, e essa promessa veio do nada. Então foi à cozinha para beber alguma coisa, mas eu o ouvi abrindo as gavetas. Ele estava procurando uma faca, é claro, mas eu já sabia muito antes. – Ela faz uma pausa. – Acho que ele queria uma faca porque usar o revólver faria muito barulho.

– O que te faz pensar que ele estava preocupado com o barulho? – pergunto.

– Sei lá. – Ela fica pensativa, olhando para um ponto atrás de mim, revivendo aquele momento no quarto. – Ah... sei, sim. Agora entendi. A questão era o barulho... Foi por isso que ele fechou a janela. Foi assim que eu soube.

Como estava vestido e supostamente de saída, ele não teria nenhuma outra razão para fechar a janela do quarto. Foi esse sinal sutil que a alertou, mas foi o medo que lhe deu a coragem de se levantar sem hesitação e seguir

atrás do homem que pretendia matá-la. Mais tarde, ela descreveu o próprio medo como tão absoluto que tomou conta de todas as outras sensações de seu corpo. Foi como se houvesse um animal à espreita dentro dela, e ele se levantou usando os músculos das pernas de Kelly.

– Não era eu ali – explica ela. – Era como se meu corpo estivesse se mexendo sozinho.

O que ela vivenciou foi o medo genuíno, não aquele de quando levamos um susto, não o medo que sentimos vendo um filme de terror ou o medo de falar em público. Esse medo é um aliado valioso, que diz: “Faça o que eu mandar.” Às vezes, ele manda a pessoa se fingir de morta, prender a respiração, correr, gritar ou lutar, mas para Kelly ele disse: “Fique quieta e confie em mim, vou te tirar daqui.”

Kelly me disse que sentia um novo tipo de confiança em si mesma por saber que tinha tomado uma atitude com base naquele sinal, por saber que tinha salvado a própria vida. Declarou estar cansada de ser apontada como culpada e de se culpar por tê-lo deixado entrar no apartamento. Disse que com tudo o que tinha aprendido em nossos encontros, nunca mais se permitiria ser uma vítima.

– Vai ver esse é o lado bom disso tudo – reflete ela. – O esquisito é que, com toda a informação que tenho hoje, agora sinto menos medo de andar por aí do que tinha antes do que aconteceu... Mas deve existir um jeito mais fácil de aprender.

A ideia já tinha me ocorrido. Sei que o que salvou a vida de Kelly pode salvar a sua. Em sua coragem, em seu compromisso de escutar sua intuição, em sua determinação de extrair algum sentido daquela tragédia, em sua vontade enorme de se libertar do medo injustificável, vi que as informações poderiam ser compartilhadas não só com as vítimas, mas também com quem não precisa ser vítima. Quero que este livro ajude você a ser uma dessas pessoas.

Devido ao meu estudo da violência e ao fato de ter previsto o comportamento de assassinos, stalkers, potenciais homicidas, namorados rejeitados, maridos dispensados, ex-funcionários enfurecidos, assassinos em massa e outros, sou considerado um especialista. Talvez eu tenha aprendido muitas lições, mas nestas páginas parto da premissa básica de que você também é um especialista em prever comportamentos violentos. Como qualquer animal, você tem como saber quando está em risco. Você tem a virtude de

um brilhante guardião interno sempre a postos para alertá-lo dos perigos e guiá-lo em situações críticas.

Com o passar dos anos, aprendi algumas lições sobre segurança fazendo a pessoas que foram vítimas de violência a seguinte pergunta: “Você poderia ter previsto o que aconteceu?” Em geral, elas respondem: “Não, simplesmente aconteceu do nada”, mas, se eu ficar em silêncio, se esperar um instante, eis que ouço mais informações: “Eu fiquei meio incomodada quando conheci o cara...”, “Pensando bem, fiquei desconfiada quando ele me abordou” ou “Agora que me dei conta de que já tinha visto aquele carro”.

É claro que, se essas pessoas se dão conta agora, elas sabiam na ocasião. Todos percebemos os sinais, porque existe um código universal da violência. Nos capítulos a seguir, você vai encontrar algumas informações de que precisa para decifrar esse código, mas a maior parte delas já está dentro de você.

SE PARARMOS PARA PENSAR, a água que ondula no mar não se move: é a energia que a atravessa. Da mesma forma, a energia da violência atravessa nossa cultura. Há quem a experimente como uma brisa leve, que, embora desagradável, é fácil de tolerar. Outros são destruídos por ela, como se atingidos por um furacão. Mas ninguém – ninguém – fica ileso. A violência faz parte do mundo e, mais do que isso, faz parte da nossa espécie. Está ao nosso redor e dentro de nós. Como os espécimes humanos mais fortes da história, chegamos ao ápice da cadeia alimentar mundial, por assim dizer. Sem enfrentar nenhum inimigo ou predador que nos imponha qualquer perigo digno de nota, descobrimos a única presa que nos resta: nós mesmos.

Para que não haja dúvidas, entre 1968 e 2017, houve 1,5 milhão de mortes por arma de fogo nos Estados Unidos – o número é maior que o de todos os soldados americanos mortos nas guerras em que o país se envolveu desde a Guerra de Independência, em 1775. Brasil e Estados Unidos figuram entre os países com mais mortes por arma de fogo no mundo.

Cidadãos comuns correm o risco de se deparar com a violência no emprego, e o homicídio já foi a principal causa de morte de mulheres no local de trabalho. Há algumas décadas, a ideia de um atirador no ambiente de trabalho era descabida; agora, casos assim aparecem nos noticiários com alguma regularidade.

No Brasil e nos Estados Unidos, mulheres e crianças são mortas com uma frequência alarmante. Na (triste) realidade, se um avião de grande porte colidisse com uma montanha e matasse todos a bordo, e se isso acontecesse todos os doze meses do ano, o número de mortos ainda não se equipararia ao número de mulheres assassinadas pelo marido ou namorado ao longo de um ano.

Estatísticas como essa tendem a nos distanciar das tragédias que cercam cada incidente porque nos impressionamos mais com os números do que com a realidade. Para facilitar o entendimento, a probabilidade de você conhecer uma mulher que já foi espancada é grande, e você provavelmente viu os sinais de alerta. Ela ou o marido trabalham na mesma empresa que você, moram no mesmo bairro, frequentam a mesma academia, atendem você no balcão da farmácia ou o ajudam a fazer a declaração do imposto de renda. Talvez você não saiba, no entanto, que é mais comum as mulheres irem ao pronto-socorro por conta de ferimentos provocados pelo marido ou namorado do que por ferimentos causados por acidentes de trânsito, assaltos e estupros somados.

Aos sistemas de justiça criminal faltam justiça e, muitas vezes, sensatez. Por exemplo, já faz alguns anos que os Estados Unidos têm cerca de 2 mil pessoas no corredor da morte, e no entanto o motivo mais comum de morte desses presidiários é “causas naturais”. Isso acontece porque menos de 2% dos condenados à pena capital são executados. Na verdade, esses homens estão mais seguros vivendo no corredor da morte do que em alguns bairros de cidades americanas.

Abordo a pena capital aqui não para promovê-la, pois não a defendo, mas porque nossa atitude em relação a ela suscita uma questão fundamental para este livro: levamos realmente a sério a ideia de lutar contra o crime e a violência? Parece que não. Um exemplo do que aceitamos: se somarmos o tempo que suas vítimas teriam vivido, podemos dizer que, nos Estados Unidos, a cada ano os assassinos nos roubam quase 1 milhão de anos em vidas humanas.

Apresentei esses fatos sobre a constância da violência por um motivo: quero tentar convencê-lo de que é possível que você mesmo ou alguém de quem você gosta se torne uma vítima mais cedo ou mais tarde. Essa crença é essencial para que, diante do perigo, você o identifique. Ela se contrapõe à

negação, o inimigo poderoso e sagaz das previsões bem-sucedidas. Mesmo já conhecendo muitos dos fatos que apresentei aqui, alguns leitores ainda vão compartimentalizar os riscos a fim de se excluir: “Claro, tem muita violência, mas é nos bairros mais pobres”; “É, tem muita mulher que é espancada, mas eu não estou namorando ninguém agora”; “A violência é um problema que atinge mais os jovens e os idosos”; “A pessoa só corre risco se estiver na rua tarde da noite”; “São as pessoas que se colocam em situação de risco”, e assim por diante. Nós, em grande parte, somos verdadeiros especialistas em negação, um coro que poderia entoar uma canção intitulada “Essas coisas não acontecem comigo”.

A negação tem um efeito colateral interessante e traiçoeiro. Apesar de toda a paz de espírito que os negacionistas acreditam conquistar dizendo que as coisas não são como são, o tombo que levam quando viram vítimas é muito, muito maior do que o das pessoas que aceitam essa possibilidade. A negação é um esquema de “poupe agora, pague depois”, um contrato todo escrito em letras miúdas, pois a longo prazo o negacionista sabe da verdade, e isso lhe causa um nível de ansiedade baixo, porém constante. Milhões de pessoas sofrem dessa ansiedade, mas a negação as impede de tomar atitudes que poderiam diminuir os riscos (e a preocupação).

Se estudássemos qualquer outro animal na natureza e descobríssemos o histórico de violência intraespecífica dos seres humanos, sentiríamos repulsa. Consideraríamos isso uma grande perversão das leis naturais – mas não negaríamos os fatos.

Parados nos trilhos, só temos a possibilidade de evitar o trem que vem em nossa direção se estivermos dispostos a vê-lo e a prever que ele não vai frear. Mas, em vez de aprimorar as tecnologias preditivas, os Estados Unidos, por exemplo, aprimoram as tecnologias do conflito: armas, presídios, equipes táticas, aulas de defesa pessoal, spray de pimenta, armas de choque, gás lacrimogêneo. Assim, mais do que nunca precisamos de previsões mais assertivas. Pense só em como vivemos: passamos por inspeções com detectores de metais antes de embarcarmos em um avião, visitarmos o fórum, assistirmos a um show ou a um jogo no estádio. Edifícios públicos são cercados por barricadas e é preciso certo esforço para abrir a embalagem de determinados medicamentos. Tudo isso foi desencadeado pelos atos de poucos homens perigosos que conseguiram nossa atenção nos causando

medo. Já que o medo é parte essencial da experiência humana, entender quando ele é uma virtude – e quando é uma maldição – vale muito a pena.

Os Estados Unidos são um país onde alguém com uma arma e muita audácia pode sabotar o direito democrático do povo de escolher seus líderes. O passaporte garantido rumo a um mundo de grandes peripécias é a violência, e a figura do agressor solitário com uma ideia grandiosa e uma arma na mão se tornou um ícone cultural. No entanto, comparativamente, poucas medidas foram tomadas para que se saiba mais a respeito desse sujeito, sobretudo se considerarmos o impacto que ele (às vezes ela) tem na vida dos cidadãos.

Muita gente acredita que não precisamos de mais informações sobre a violência, pois é a polícia, o judiciário e os especialistas que têm que lidar com ela. Embora atinja e diga respeito a todos nós e todo mundo tenha uma contribuição valiosa a dar para solucioná-la, deixamos essa investigação essencial na mão de pessoas que nos dizem que a violência é imprevisível, que o perigo é um jogo de azar e que a ansiedade é parte inevitável da vida.

Nenhuma dessas “sabedorias” convencionais é verdadeira.

AO LONGO DA VIDA, todos teremos que fazer previsões comportamentais importantes sozinhos, sem a ajuda de especialistas. Da ampla lista de pessoas com quem temos contato, selecionamos algumas para incluir na nossa vida – como padrões, funcionários, orientadores, sócios, amigos, namorados, cônjuges.

Seja pelo caminho mais fácil ou pelo mais difícil, você precisa entender que sua segurança depende apenas de você. Não é responsabilidade da polícia, do governo, da indústria, do síndico do prédio nem da empresa de segurança. Muitas vezes adotamos uma atitude preguiçosa e investimos nossa confiança sem nunca avaliar se ela é merecida. Todo dia, ao mandar os filhos para a escola, apostamos que lá a segurança deles está garantida, mas, conforme veremos no Capítulo 12, talvez isso não seja um fato. Confiamos em seguranças – mas foi desse grupo de profissionais que saíram o serial killer Filho de Sam, o assassino de John Lennon, os estranguladores de Hillside e mais incendiários e estupradores do que eu poderia citar neste livro. Você confia em empresas de segurança privada? E no governo? Mais

do que um Departamento de Justiça, ou Ministério da Justiça, seria mais adequado termos um órgão governamental de prevenção à violência, porque é disso que precisamos e é isso que nos interessa. Justiça é ótimo, mas segurança é sobrevivência.

Assim como nos fiamos no governo e nos especialistas, também contamos com a tecnologia na busca de soluções para os problemas, mas sua solução pessoal para a violência não virá da tecnologia. Ela virá de uma fonte ainda mais grandiosa que sempre esteve aí, dentro de você: a sua intuição.

Talvez seja difícil aceitar sua relevância, pois em geral a intuição é vista por nós, ocidentais, com certo descaso. Com frequência é descrita como emocional, irracional ou inexplicável. Maridos censuram as esposas por causa da “intuição feminina” e não a levam a sério. Se uma mulher usa a intuição para justificar uma escolha ou explicar por que está cismada com uma questão, os homens reviram os olhos e não lhes dão ouvidos. Os homens preferem a lógica, a linha de pensamento fundamentada, explicável, racional, que termina em uma conclusão embasada. Em sua maioria, veneram a lógica mesmo quando ela é errada e negam a intuição mesmo quando ela é certa.

Os homens, é claro, têm sua própria versão da intuição, não tão trivial e irrelevante quanto a intuição feminina, segundo afirmam a si mesmos. A intuição deles tem um nome mais visceral: “instinto”. Mas não é apenas uma sensação. É um processo mais extraordinário e, no final das contas, mais lógico segundo a ordem natural do que o mais fantástico dos cálculos computacionais. É o nosso processo cognitivo mais complexo e ao mesmo tempo o mais simples.

A intuição nos conecta ao mundo natural e à nossa natureza. Livre das amarras dos julgamentos, casada apenas com a percepção, ela nos leva a fazer previsões que mais tarde nos deixam admirados. “Não entendo como, mas eu sabia”, dizemos a respeito de um encontro casual que previmos, de um telefonema inesperado de um amigo distante, da improvável mudança de comportamento de alguém, da violência da qual escapamos ou, muitas vezes, da violência da qual escolhemos não escapar. “Não entendo como, mas eu sabia...” Assim como Kelly sabia e você é capaz de saber.

O marido e a esposa que marcam consulta comigo para discutir os telefonemas perturbadores e ameaçadores que andam recebendo querem que

eu descubra quem está telefonando. Baseado no que o autor da ligação diz, é óbvio que se trata de alguém conhecido, mas quem? O ex-marido dela? O cara esquisito que alugava um quarto na casa deles? Um vizinho furioso por causa da obra que estão fazendo? O empreiteiro que demitiram?

Eles acham que o especialista vai lhes dizer quem está ligando, mas na verdade eles é que me dirão. É verdade que tenho experiência com milhares de casos, mas eles têm a experiência *deste* caso. Dentro deles, talvez escondidas num lugar de onde eu possa ajudá-los a desencavá-las, estão todas as informações necessárias para fazermos uma avaliação precisa da situação. A certa altura da nossa discussão sobre os possíveis suspeitos, a mulher sem dúvida dirá algo como: “Olha, tem uma outra pessoa, mas eu não tenho nenhum motivo palpável para pensar que é ela. É só uma sensação, e fico até chateada de insinuar uma coisa dessas, mas...” E nesse momento eu poderia mandá-los para casa e enviar a conta da minha consulta, porque a pessoa será essa. Seguimos a intuição da cliente até eu “solucionar o mistério”. Sou muito elogiado pela minha habilidade, mas em geral eu apenas escuto e permito que os clientes se escutem. No começo das consultas, eu digo: “Nenhuma teoria é absurda demais para ser analisada, nenhuma pessoa está acima de qualquer suspeita, nenhum instinto é infundado demais.” (Na verdade, como você vai perceber em breve, toda intuição é muito bem fundamentada.) Quando os clientes perguntam: “As pessoas que fazem essas ameaças são capazes de fazer tal e tal coisa?”, eu respondo: “Às vezes sim”, e assim os autorizo a analisar alguma teoria.

Quando entrevisto vítimas de ameaças anônimas, não pergunto “Quem você acha que mandou essas ameaças?”, porque a maioria das vítimas não consegue imaginar que um conhecido tenha lhes feito as ameaças. Prefiro indagar “Quem *poderia* tê-las mandado?” para elaborarmos juntos uma lista de todo mundo que teria a possibilidade, independentemente de motivação. Em seguida, peço aos clientes que pensem numa motivação, mesmo que ridícula, para cada pessoa da lista. É um processo criativo que não os coloca sob a pressão de estarem corretos. É exatamente por isso que em praticamente todos os casos uma das teorias concebidas é a certa.

É bastante comum que minha grande contribuição para a solução do mistério seja minha recusa a chamá-lo de mistério. Prefiro dizer que é um quebra-cabeça em que as peças a nossa disposição são suficientes para reve-

lar a solução. Pode até ser que eu reconheça as peças antes dos outros, por já tê-las visto muitas vezes, mas minha missão principal é botá-las na mesa.

À medida que exploramos as peças do quebra-cabeça da violência humana, vou mostrar quais são suas formas e cores. Devido ao seu próprio estudo do comportamento humano – vivenciado ao longo de toda a sua existência – e à sua própria humanidade, você perceberá que essas peças são familiares. Acima de tudo, espero que no final você saiba que todos os quebra-cabeças podem ser resolvidos bem antes de todas as peças estarem no lugar certo.

DIZEMOS QUE AS PESSOAS fazem coisas “do nada”, “de repente”, “sem qualquer razão aparente”. Essas expressões embasam o mito popular de que prever o comportamento humano é impossível. No entanto, para enfrentar o trânsito matinal, fazemos grandes apostas quanto às atitudes de literalmente milhares de pessoas com uma precisão incrível. Sem perceber, interpretamos pequenos sinais que ninguém nos ensinou a enxergar: a leve inclinação da cabeça de um estranho ou o olhar fixo de uma pessoa a metros de distância nos informa que é seguro passar na frente da máquina de duas toneladas que ela dirige. Nós esperamos que todos os motoristas se comportem como nos comportaríamos, mas ainda assim nos mantemos alertas para detectar os poucos que se comportariam de outra forma – e portanto prevemos também os atos deles, por mais que os declaremos imprevisíveis. Então aqui estamos, percorrendo nosso caminho numa velocidade muito maior do que qualquer outra pessoa no início do século XX (a não ser que estivesse caindo de um despenhadeiro), nos esquivando de mísseis de aço gigantes em alta velocidade, adivinhando os planos de seus operadores com uma exatidão fantástica... e nos declarando incapazes de prever o comportamento humano.

Prevemos com certo sucesso como uma criança vai reagir a uma advertência, como uma testemunha vai reagir a uma pergunta, como o júri vai reagir a uma testemunha, como um consumidor vai reagir a um slogan, como a plateia vai reagir a uma cena, como o cônjuge vai reagir a um comentário, como o leitor vai reagir a uma expressão, e assim por diante. Antever comportamentos violentos é mais fácil do que qualquer um desses

exemplos, mas, como fantasiamos que a violência humana é uma aberração levada a cabo por pessoas bem diferentes de nós, nos consideramos incapazes de prevêê-los. Ao assistir a um documentário de Jane Goodall que mostra um grupo de chimpanzés perseguindo e matando os machos de outro grupo, dizemos que o ataque foi motivado por territorialismo ou controle populacional. É com uma certeza parecida que declaramos entender a causa e o objetivo da violência cometida por todas as criaturas da face da Terra – menos por nós mesmos.

A violência humana que mais abominamos e tememos, a que chamamos de “aleatória” e “sem sentido”, não é nem uma coisa nem outra. Ela sempre tem objetivo e sentido, pelo menos para quem a comete. Podemos optar por não investigar ou entender o objetivo, mas ele existe, e enquanto lhe dermos o rótulo de “sem sentido”, continuaremos sem entendê-lo.

Às vezes um ato violento é tão assustador que dizemos que quem o cometeu é um monstro, mas você verá que é encontrando a humanidade do criminoso – a similaridade entre ele, eu e você – que seus atos se tornarão previsíveis. Você está prestes a descobrir novos fatos e conceitos sobre pessoas violentas, mas verá que boa parte das informações ecoa suas próprias experiências. Você verá que até tipos enigmáticos de violência têm padrões distinguíveis e sinais de alerta. Também verá que os tipos mais comuns de violência, aqueles com os quais todos nós nos identificamos de alguma forma, como a violência motivada pela raiva, são tão conhecidos quanto o afeto entre amigos íntimos. (Na verdade, a violência tem menos variedades do que o amor.)

O noticiário na televisão exibe uma reportagem sobre um homem que matou a esposa a tiros quando ela estava no trabalho. Ele teve uma medida protetiva expedida contra ele junto com o pedido do divórcio, por coincidência no dia de seu aniversário. A matéria informa que o homem já tinha feito ameaças, que havia sido demitido do emprego, que apontara uma arma para a cabeça da esposa na semana anterior ao assassinato, que a perseguia. Apesar de todas essas ocorrências, o repórter encerra dizendo: “A polícia admite que ninguém poderia ter previsto que isso aconteceria.”

Isso se deve ao fato de querermos acreditar que as pessoas são infinitamente complexas, com milhões de motivações e diversos tipos de comportamento, o que não é verdade. Queremos acreditar que com todas as

combinações possíveis de seres humanos e sentimentos humanos, prever a violência é tão difícil quanto acertar os números da loteria, porém geralmente não existe dificuldade nenhuma nisso. Queremos acreditar que a violência humana escapa à nossa compreensão, pois, sendo um mistério, não temos o dever de evitá-la, investigá-la ou prevê-la. Não precisamos sentir nenhuma responsabilidade por não percebermos os sinais se esses sinais não existirem. Podemos nos convencer de que a violência acontece sem aviso prévio e de que geralmente só acontece aos outros, mas é por causa desses mitos convenientes que vítimas sofrem e criminosos seguem impunes.

A verdade é que todo pensamento é precedido por uma percepção, todo impulso é precedido por um pensamento, toda ação é precedida por um impulso, e o homem não é um ser tão singular a ponto de seu comportamento ser inédito e seus padrões, indetectáveis. Existem respostas para as perguntas mais importantes da vida: Essa pessoa vai tentar me fazer mal? O funcionário que preciso demitir vai ter uma reação violenta? Como lidar com a pessoa que se recusa a virar a página? Qual é a melhor forma de reagir a ameaças? Que perigo estranhos representam? Como saber se uma babá não vai fazer mal ao meu filho? Como saber se um amigo do meu filho é perigoso? Meu próprio filho está dando sinais de alerta de que será violento no futuro? E por fim: Como posso proteger as pessoas que amo?

Acredito que até o fim deste livro você conseguirá responder a essas perguntas e terá bons motivos para se fiar na sua capacidade aguçada de prever atos de violência.

Como posso dizer isso com tanta segurança? Porque há mais de quatro décadas venho aprendendo lições com os mestres mais qualificados.

Quando telefonei para Kelly para contar que tinha decidido dedicar um ano à escrita deste livro (e no final precisei de dois), aproveitei para agradecer pelo que ela havia me ensinado, como sempre faço com meus clientes. “Ah, eu acho que você não aprendeu nada de novo com o meu caso”, disse ela. “Mas *com qual* caso você aprendeu mais?”

Com tantos para escolher, eu disse a Kelly que não sabia, mas assim que me despedi e desliguei o telefone me dei conta de que sabia, sim. Ao me lembrar do caso, minha sensação era de estar de volta à cena.

UMA MULHER APONTAVA a arma para o marido, que estava diante dela com os braços estendidos à frente. Nervosa, ela segurava com força a empunhadura da pistola semiautomática. “Agora eu vou te matar”, repetia ela baixinho, quase como se falasse consigo mesma. Era uma mulher bonita, esbelta, de 33 anos, e vestia calça preta e camisa branca masculina. Havia oito balas na arma.

Eu estava parado ao lado da porta, vendo a cena se desenrolar. Como já tinha sido antes e voltaria a ser muitas vezes, eu era o responsável por prever se aconteceria ou não um assassinato ali, se a mulher naquele caso cumpriria ou não a promessa. Havia muito em jogo, pois, além do homem em risco, havia também duas crianças pequenas na casa.

Eu sabia que era fácil fazer ameaças como a dela, difícil era cumpri-las. Assim como em todas as ameaças, as palavras a traíam ao admitir seu fracasso na tentativa de influenciar os acontecimentos de outra forma, e como todo mundo que ameaça, ela precisava seguir em frente ou recuar. Talvez ficasse satisfeita com o medo causado por suas palavras e atitudes, talvez aceitasse a atenção que tinha conseguido sob a mira da arma e deixasse por isso mesmo.

Ou talvez puxasse o gatilho.

Para aquela mulher, as forças que inibem a violência e as que são capazes de provocá-la subiam e desciam como ondas turbulentas colidindo. Ela alternava entre a hostilidade e o silêncio. Num instante, a violência parecia a escolha mais óbvia; no seguinte, parecia ser a última coisa que faria na vida. Mas a violência é a última coisa que algumas pessoas fazem.

O tempo todo a pistola continuava apontada para o marido.

A não ser por sua respiração acelerada e ofegante, o homem sob a mira da arma não se mexia. As mãos estavam levantadas, rígidas, à frente do corpo, como se pudessem deter as balas. Lembro que por um instante me perguntei se levar um tiro doía, mas outra parte do meu cérebro me lançou de volta à missão que eu tinha aceitado. Não podia deixar escapar um único detalhe.

A mulher pareceu relaxar e voltou a ficar muda. Embora alguns observadores pudessem ver nessa atitude um sinal favorável, eu precisava avaliar se seus silêncios eram usados para recuperar a razão ou para contemplar o assassinato. Percebi que ela estava descalça, mas considerei essa observação irrelevante para a minha tarefa. Detalhes são fotografias instantâneas, não quadros, e eu precisava concluir rapidamente quais deles eram pertinentes

para minha previsão e quais não eram. A bagunça de papéis espalhados pelo chão perto de uma mesa virada, o telefone fora do gancho, um copo quebrado, provavelmente atirado no início da discussão – tudo foi avaliado e descartado com rapidez.

Então vi um detalhe muito significativo, embora se tratasse de um movimento milimétrico. (Nessas previsões, talvez os grandes movimentos chamem sua atenção, mas é raro que sejam os mais relevantes.) Os poucos milímetros que o polegar dela percorreu até chegar ao gatilho deixou a mulher mais próxima do homicídio do que qualquer coisa que dissesse ou pudesse dizer. A partir desse novo lugar, ela começou um discurso raivoso. Um instante depois, engatilhou a pistola, um movimento não muito sutil que lhe garantiu uma credibilidade renovada. Suas palavras eram entrecortadas e cuspidas pelo ambiente, e, à medida que sua fúria aumentava, talvez a impressão fosse de que eu precisava me apressar. Na verdade, eu tinha tempo de sobra, pois as melhores previsões sempre se dão no tempo que há disponível. Quando eficaz, o processo é concluído pouco antes da linha que separa previsão e compreensão tardia, a linha entre o que pode acontecer e o que acabou de acontecer.

É como a previsão de alto risco que você faz quando vê um carro se aproximar, ao avaliar se é seguro atravessar a rua – um processo cuja complexidade é fantástica, mas que acontece numa fração de segundo. Embora não tivesse consciência disso naquele dia, automaticamente eu aplicava e reaplicava a ferramenta mais importante para qualquer previsão: os indicadores pré-incidente.

Os indicadores pré-incidente são os fatores detectáveis que ocorrem antes de se prever o resultado. Pisar no primeiro degrau de uma escada é um indicador pré-incidente significativo para se chegar ao topo; pisar no sexto degrau é um indicador ainda maior. Como tudo que uma pessoa faz é criado duas vezes – uma vez na cabeça e outra na realidade –, ideias e ímpetos são indicadores pré-incidente de ações. As ameaças de morte feitas pela mulher revelavam uma ideia que era o primeiro passo rumo a um resultado; a inserção da arma na briga com o marido era outro, assim como sua compra, meses antes.

Agora, a mulher estava se afastando do marido. Talvez outra pessoa acreditasse que estava recuando, mas minha intuição me dizia que aquele

era o último indicador pré-incidente antes de ela puxar o gatilho. Como armas de fogo não exigem proximidade, seu desejo de se afastar um pouco da pessoa em quem planejava atirar foi o elemento que faltava para completar minha previsão. Eu agi depressa.

Recuei silenciosamente pelo corredor, passando pela cozinha, onde o jantar queimava, esquecido, e entrei no quarto pequeno onde uma garotinha cochilava. Ao cruzar o cômodo para acordar a menina, ouvi o tiro que havia previsto um instante antes. Tomei um susto, mas não fiquei surpreso. O silêncio que veio depois, no entanto, me deixou preocupado.

Meu plano era tirar a criança da casa, mas descartei a ideia e mandei que ela ficasse na cama. Aos 2 anos, ela provavelmente não entendia a gravidade da situação, mas eu tinha 10 e sabia tudo sobre essas coisas.

ESSA NÃO FOI a primeira vez que ouvi aquela arma disparar em casa; por acidente, minha mãe havia atirado na minha direção alguns meses antes, a bala passando rente à minha orelha, tão perto que ouvi um zunido antes que ela atingisse a parede.

Ao voltar para a sala da nossa casa, me detive ao sentir o cheiro de pólvora. Fiquei atento aos sons, tentando entender o que estava acontecendo sem precisar entrar na sala. O silêncio era absoluto.

Parado ali, atento a qualquer som, ouvi um estrondo: mais alguns tiros foram disparados. Esses eu não tinha previsto. Decidi entrar.

Meu padrasto estava ajoelhado no chão, minha mãe curvada sobre ele, aparentemente tentando ajudar. Vi o sangue nas mãos e nas pernas dele, e, quando ele ergueu os olhos para mim, tentei apaziguá-lo com minha calma. Sabia que ele nunca tinha vivido nada parecido, mas eu, sim.

A arma estava no chão, perto de mim, então a peguei pelo cano. Estava muito quente.

No que dizia respeito à previsão do que aconteceria depois, a cena que eu via era um bom sinal. O primeiro pensamento que me ocorreu foi o de pegar a arma e sair correndo pela porta dos fundos, mas, por causa de uma nova previsão, eu a escondi atrás de uma almofada do sofá. Concluí que minha mãe tinha descarregado boa parte de sua hostilidade e frustração junto com as balas. Pelo menos por um instante, ela não só estava sensa-

ta como mudara para o papel de esposa solidária, cuidando das feridas do marido como se não as tivesse infligido. Longe de ser uma pessoa que suscitasse apreensão, agora era a pessoa a quem nos sentíamos gratos por assumir o controle da situação. Ela cuidaria para que meu padrasto ficasse bem, lidaria com a polícia e a ambulância e colocaria nossa vida de volta nos eixos tão certo quanto se pudesse fazer aquelas balas voltarem à arma.

Fui ver como estava minha irmã. Ela tinha se sentado na cama, cheia de expectativa. Tendo aprendido que o momento após um incidente de grandes proporções oferecia um período de segurança e descanso, me deitei ao seu lado. É claro que eu não podia ignorar todas as previsões, mas baixei um pouco a guarda, e pouco depois adormecemos.

Quando nossa família se mudou daquela casa, um ano depois, havia nove balas cravadas nas paredes e no chão. Imagino que ainda estejam lá.

QUANDO O PROCURADOR-GERAL dos Estados Unidos e o diretor do FBI me concederam um prêmio pela criação do MOSAIC™, sistema de avaliação usado para filtrar as ameaças contra os ministros da Suprema Corte, tenho certeza de que nenhum deles atinou que na realidade ele foi inventado por um menino de 10 anos. A forma como eu destrinchava os componentes individuais da violência quando era criança se transformou na forma como os sistemas de intuição artificial mais sofisticados preveem a violência atualmente. Meus fantasmas foram meus professores.

Com frequência me perguntam como eu entrei nesse ramo. Em termos cinematográficos, a resposta pularia rapidamente de cena em cena: eu aos 11 anos correndo ao lado de uma limusine, gritando junto com outros fãs para ter um vislumbre de Elizabeth Taylor e Richard Burton; o interior da mesma limusine, onde me encontro trabalhando para o famoso casal oito anos depois; eu assistindo à posse do presidente Kennedy na televisão; a minha presença ao lado de outro presidente em sua posse, vinte anos depois, e de outro, doze anos mais tarde; eu assistindo boquiaberto às notícias do assassinato de Kennedy; meu trabalho colaborando com o governo para prever e evitar tais ataques; eu vendo as notícias do assassinato do senador Robert Kennedy, perplexo; meu trabalho desenvolvendo o sistema de avaliação usado para filtrar ameaças a senadores americanos.

Eu tentando impedir que um dos maridos da minha mãe batesse nela, mas sem sucesso; eu ensinando a centenas de detetives da polícia de Nova York novas formas de avaliar casos de violência doméstica; eu visitando minha mãe na ala psiquiátrica de um hospital, depois de uma nova tentativa de suicídio; eu em um tour por hospitais psiquiátricos, como assessor do governador da Califórnia. O que antes era uma vida dominada pelo medo agora é uma vida ajudando as pessoas a lidarem com esse sentimento.

Minha infância não foi um filme, é claro, mas teve suas cenas de perseguição, de luta, tiroteio, sequestro de avião, suspense de vida ou morte e suicídio. O enredo não fazia muito sentido para mim quando eu era pequeno, mas agora faz.

No fim, eu estava frequentando uma espécie de universidade, e, embora eu espere que as disciplinas tenham sido outras, sei que você também a frequentou. Independentemente de qual tenha sido seu curso, você também vem estudando as pessoas há muito tempo, desenvolvendo meticulosamente teorias e estratégias para prever o que elas podem fazer.

Até alguns dos meus clientes ficarão surpresos ao descobrir o que acabei de contar sobre meu treinamento mais precoce, mas quem vai ao meu escritório se surpreende de diversas formas. Afinal, trata-se de uma empresa bastante incomum. A Gavin de Becker & Associates tem uma gama de clientes muito diversa: órgãos do governo federal, promotores, abrigos para mulheres vítimas de violência conjugal, grandes corporações, universidades, celebridades e emissoras de TV, departamentos de polícia, municípios, estados, estúdios cinematográficos, figuras da indústria cultural, líderes religiosos, atletas, políticos, músicos, astros de cinema e universitários. Meus clientes vão das pessoas mais famosas do mundo às mais anônimas.

Funcionários da minha empresa vão a posses presidenciais em uma costa dos Estados Unidos e à entrega do Oscar e do Emmy na outra. Caminham atentos no meio de multidões de manifestantes enfurecidos num dia e entram furtivamente pelo estacionamento subterrâneo de um tribunal federal no seguinte. Já viajamos para a África, a Europa, a Ásia, o Oriente Médio, a América do Sul e a Oceania para aprender sobre a violência nesses lugares. Já viajamos de aviões particulares e de balão, já remamos no rio Amazonas, passeamos de limusine blindada, subimos no lombo de elefantes e em riquixás, fomos esmagados por multidões hostis e por multi-

dões em êxtase. Já depomos em comitês do Senado e visitamos instalações secretas do governo americano. Já tivemos reuniões de equipe enquanto navegávamos por um rio no meio da selva na calada da noite. Já fizemos parte de caravanas presidenciais uma semana e, na seguinte, estávamos em ônibus que transportavam presidiários. Já assessoramos alvos de tentativas de homicídio e famílias de vítimas, inclusive a viúva de um presidente estrangeiro assassinado. Fomos perseguidos por repórteres de tabloides e os perseguimos também. Já estivemos dos dois lados das câmeras do programa *60 Minutes*, nos escondendo com a equipe de filmagem para uma matéria sobre uma fraude nacional e, em outra reportagem, respondendo às perguntas investigativas de Ed Bradley sobre um caso de assassinato.

Somos convocados pelo governo americano quando um fanático atira em um médico que faz abortos ou abre fogo contra autoridades públicas. Visitamos a cena do crime para orientar sobreviventes amedrontados – às vezes pouco tempo depois do crime. Assessoramos pessoas que sofreram ameaças e nós mesmos somos alvos frequentes de ameaças de morte.

O que une todas essas situações é a previsão. Minha empresa prevê o comportamento humano, principalmente em uma categoria: a violência. Com frequência ainda maior, prevemos a segurança. Orientamos líderes políticos e religiosos sobre a melhor maneira de lidar com o fato de serem alvos de ódio e amor excessivos. Orientamos empresas e órgãos governamentais sobre a gestão de funcionários que possam ter atitudes violentas. Orientamos pessoas famosas que são alvos de perseguidores e potenciais assassinos. A maioria das pessoas não se dá conta de que figuras midiáticas estão no olho de um furacão de stalkers desesperados e muitas vezes assustadores. Menos gente ainda entende que a perseguição a cidadãos comuns é uma epidemia que afeta centenas de milhares de pessoas por ano.

Entre todos os empreendimentos bizarros nos Estados Unidos, quem seria capaz de conceber a existência de um depósito de objetos alarmantes e indesejados que stalkers enviaram aos alvos de seu interesse rejeitado, coisas como mil páginas de ameaças de morte, cartas de amor da grossura de um dicionário, partes do corpo, animais mortos, réplicas de bombas, navalhas e bilhetes escritos com sangue? Quem teria imaginado a existência de um prédio que abriga mais de 350 mil mensagens obsessivas e ameaçadoras? Muitos dos meus funcionários trabalham nesse prédio. Ali, eles

jogam luz sobre as partes mais sombrias da nossa cultura, procurando dia após dia aprimorar nossos conhecimentos sobre o perigo, e dia após dia ajudando as pessoas a lidarem com o medo.

Embora menos de 50 dos nossos inúmeros casos tenham ido parar nos noticiários e embora a maior parte do nosso trabalho seja sigilosa, participamos de muitas das previsões de alto risco feitas por indivíduos e nações. Para sermos os melhores nisso, sistematizamos a intuição, capturamos e domamos uma fraçãozinha de seu milagre.

Você tem um pouco desse milagre, e, por meio da análise de previsões de alto risco – as que têm como resultado a violência ou a morte –, aprenderá formas de viver com mais segurança. Depois de discutir como a intuição age a seu favor e como a negação age contra você, vou demonstrar que o medo, que pode ser essencial para a sua segurança, frequentemente é equivocado. Vou explorar o papel das ameaças na nossa vida e mostrar como distinguir um aviso real de promessas vazias. Vou identificar os sinais de alerta específicos que percebemos nas pessoas que podem nos fazer mal.

Como os sinais são mais facilmente camuflados quando o agressor é desconhecido, vou começar pelos perigos que pessoas estranhas representam. Essa é a violência que atrai nossa atenção e nosso medo, embora apenas 20% dos homicídios sejam cometidos por desconhecidos. Os outros 80% são cometidos por pessoas que conhecemos, portanto vou me concentrar naquelas que contratamos, com quem trabalhamos, que demitimos, com quem saímos, com quem nos casamos e das quais nos divorciamos.

Também vou falar de uma minoria ínfima porém influente cuja violência afeta todos nós: os assassinos. Por meio da história de um homem que não levou a cabo o plano de matar uma pessoa famosa (embora tenha matado outras cinco), apresento uma visão inédita da vida pública.

No Capítulo 15 você verá que, se sua intuição estiver bem treinada, o sinal de alerta vai soar quando necessário. Se você passar a acreditar nisso, não só estará mais seguro como conseguirá viver quase sem medo.

CONHEÇA ALGUNS DESTAQUES DE NOSSO CATÁLOGO

- Augusto Cury: Você é insubstituível (2,8 milhões de livros vendidos), Nunca desista de seus sonhos (2,7 milhões de livros vendidos) e O médico da emoção
- Dale Carnegie: Como fazer amigos e influenciar pessoas (16 milhões de livros vendidos) e Como evitar preocupações e começar a viver
- Brené Brown: A coragem de ser imperfeito – Como aceitar a própria vulnerabilidade e vencer a vergonha (900 mil livros vendidos)
- T. Harv Eker: Os segredos da mente milionária (3 milhões de livros vendidos)
- Gustavo Cerbasi: Casais inteligentes enriquecem juntos (1,2 milhão de livros vendidos) e Como organizar sua vida financeira
- Greg McKeown: Essencialismo – A disciplinada busca por menos (700 mil livros vendidos) e Sem esforço – Torne mais fácil o que é mais importante
- Haemin Sunim: As coisas que você só vê quando desacelera (700 mil livros vendidos) e Amor pelas coisas imperfeitas
- Ana Claudia Quintana Arantes: A morte é um dia que vale a pena viver (650 mil livros vendidos) e Pra vida toda valer a pena viver
- Ichiro Kishimi e Fumitake Koga: A coragem de não agradar – Como se libertar da opinião dos outros (350 mil livros vendidos)
- Simon Sinek: Comece pelo porquê (350 mil livros vendidos) e O jogo infinito
- Robert B. Cialdini: As armas da persuasão (500 mil livros vendidos)
- Eckhart Tolle: O poder do agora (1,2 milhão de livros vendidos)
- Edith Eva Eger: A bailarina de Auschwitz (600 mil livros vendidos)
- Cristina Núñez Pereira e Rafael R. Valcárcel: Emocionário – Um guia lúdico para lidar com as emoções (800 mil livros vendidos)
- Nizan Guanaes e Arthur Guerra: Você aguenta ser feliz? – Como cuidar da saúde mental e física para ter qualidade de vida
- Suhas Kshirsagar: Mude seus horários, mude sua vida – Como usar o relógio biológico para perder peso, reduzir o estresse e ter mais saúde e energia

sextante.com.br

